

Na obra de Schaden, o mundo guarani assume forma e figura, não apenas a partir do universo religioso e da matriz insubstituível da palavra (...) mas também tendo em conta outros aspectos fundamentais, como os aspectos físicos desses índios, sua organização política, ciclo de vida e atividades econômicas, organizadamente analisados e intepretados

Não faz muito tempo (1987), nosso querido mestre, o professor Egon Schaden (4/7/1913 – 16/9/1991), escreveu que "dentre os que já não vivem merecem especial destaque três grandes estudiosos do mundo guarani. São eles Antonio Ruiz de Montoya (1585-1652), Curt Nimuendajú (1883-1945) e León Cadogan (1899-1973)". Não é difícil adivinhar nessas palavras que também ele a seu modo aspirava a ser incluído na fechada e exclusiva lista. Com todo direito.

Não tenho referências suficientes para analisar e sintetizar a obra de Schaden em seu conjunto. Na realidade, a sua vida acadêmica de professor me é pouco menos do que desconhecida. O seu significado no campo da investigação, do ensino e das publicações está sinteticamente resenhado no prefácio com que as professoras Thekla Hartmann e Vera Penteadó Coelho apresentaram as *Contribuições à Antropologia em Homenagem ao Professor Egon Schaden* (São Paulo, 1981).

De meu lado, vou referir-me a um aspecto particular de minha relação com ele que me suscitava a maior admiração e respeito. Em longas conversas, pude participar de seus conhecimentos, suas preocupações, suas hipóteses e suas abertas perspectivas sobre os guaranis. Nessas conversas em que a palavra guarani revivia entre nós, ele costumava remontar aos seus primeiros anos de investigação bibliográfica e

Egon Schaden: um

BARTOMEU MELIÀ S. J.

H

O

M

E

N

A

G

E

M

nome na etnologia guarani



de campo que tiveram inicialmente os guaranis como objeto. Não foi por acaso que sua primeira publicação (1937) tenha sido a tradução alemã do mais antigo documento sobre os carijós de Santa Catarina e que em um de seus últimos textos tivesse abordado um problema a que, de uma maneira ou de outra, sempre voltava: "A religião guarani e o cristianismo; contribuição ao estudo de um processo histórico de comunicação intercultural" (1982).

Ao fazer a apresentação de nosso *O Guarani: uma Bibliografia Etnológica* (Santo Ângelo, 1987), ele derramou naquelas breves e densas páginas uma espécie de testamento das idéias que o identificavam com esse mundo guarani em que se inscrevia como herdeiro das melhores tradições pelos excepcionais informantes indígenas que teve e por companheiro e amigo de seus melhores etnólogos. "Se em toda ciência humana" — dizia ali — "há liames mais íntimos do que o simples vínculo racional que prende o estudioso a seu 'objeto', isto vale de maneira muito particular para o pesquisador da cultura guarani, cujo entendimento requer um alto grau de identificação ou, pelo menos, de sintonia com a índole da tribo".

No tocante à sua vida guarani, para a qual o contato e a convivência com os verdadeiros pais da palavra é essencial, iniciou-a já nos distantes anos de 1946 e a prolongou de modo contínuo e constante até 1955, sem que o contato com os guaranis jamais se interrompesse de todo. Como ocorreu com Nimuendajú e como ocorreu, quase paralelamente, com León Cadogan no Paraguai que realizava seus trabalhos na mesma época, Schaden aplicava a si mesmo e procurava aplicar à sua própria investigação aquilo que considerava um princípio revolucionário e uma verdadeira inversão no modo de pensar a etnologia guarani. Depois de séculos de conquista e de "redução" dos guaranis, ele quis deixar-se reduzir para não apresentar a cultura a partir de uma ótica estranha e sim de dentro para fora. Ele sabia que com Nimuendajú havia mudado a posição dos investigadores, de maneira tal que o ponto de vista deixa de ser apenas o do homem civilizado para ser também, e sobretudo, o do índio.

Schaden passou pelo ritual de receber um nome guarani — *Avanimondyá* — entre os ñandevas de Araribá, dentro da mesma "família" de Nimuendajú, e participou com fervor das danças rituais que, ao longo da noite, nos induzem a alçar e a nos sentir leves, como se o corpo todo se fizesse palavra e ritmo.

Este modo de aproximação com que havia chegado aos guaranis, a partir da metodologia e hermenêutica praticadas por Nimuendajú, viveu-o como amigo e acompanhante, e um tanto protetor, do investigador paraguaio León Cadogan.

Schaden considerava como honra e como um dos seus melhores êxitos a ajuda que pôde prestar a Cadogan na publicação de *Ayvu Rapyta* (1959). Embora esta obra pertença de pleno direito a Cadogan e a seus informantes, é mister reconhecer que o incentivo, o acompanhamento e inclusive as amáveis correções que Schaden lhe deu grandemente a valorizaram, num momento em que posicionar-se ao lado de "um tal Cadogan, do Paraguai" supunha não poucos riscos para o jovem professor que ele ainda era então.

A correspondência que manteve com Cadogan, hoje ainda inédita, bem como os lances nas visitas que ambos fizeram às aldeias Mbyá do Guairá em 1954, constituem um capítulo muito pessoal de como se faz etnologia guarani, em que a afinidade eletiva goethiana não deixa de desempenhar um papel decisivo.

No entanto, não convém exagerar a comparação com os três grandes nomes da etnologia guarani que ele tanto apreciava e que seguia. A obra de Schaden diferencia-se da deles por uma outra intenção, por certo mais sistemática na coleta de dados, mais ampla e mais conscientemente didática. Schaden responde em grande parte à Academia, uma vez que nela se desenvolvia e a ela estava obrigado. Por isso, embora não apresente a deslumbrante novidade revelada pelos grandes ouvintes da palavra guarani, fielmente reproduzida e analisada, como se deu com Montoya, Nimuendajú e Cadogan, pôde sem embargo apresentar uma etnologia guarani mais completa e sistemática através de uma exposição clara, concisa e didática. Inclusive é graças a Schaden que as contribuições monográficas de outros autores podem ser situadas num quadro etnológico mais globalizante.

O professor Schaden manejava de modo perfeito a bibliografia etnológica de seu tempo e de modo especial a relativa aos guaranis, tanto em sua profundidade histórica como em seu detalhe etnográfico. Coordenar os dados existentes e sugerir novas interpretações já fora o mérito de sua tese de doutorado, ensaio na época tido como inovador: *A Mitologia Heróica de Tribos Indígenas do Brasil* (1945). Ensaio desse tipo em que não se esquivou à síntese difícil e ousada sobre temas de atualidade antropológica sucederam-se durante toda a vida do professor. Sempre o interessaram de modo especial os estudos de mitologia e os relacionados com a duradoura problemática da aculturação. Os títulos relacionados com esses temas são numerosos em sua bibliografia.

Na obra de Schaden, o mundo guarani assume forma e figura, não apenas a partir do universo religioso e da matriz insubstituível da palavra, tal como o havia feito Nimuendajú, mas também tendo em conta outros *aspectos fundamentais*, quais sejam os aspectos físicos desses índios, a configuração de suas habitações e aldeias, sua organização política, o ciclo de vida e as atividades econômicas, distinta e organizadamente analisados e interpretados. A síntese que apresentou em 1954 é a primeira de seu gênero e até hoje a única, em que os três grandes grupos de guaranis atuais são vistos em sua complexa realidade de analogias e diferenças, a partir de um trabalho de campo que ninguém antes havia empreendido de um modo tão amplo. *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani*, se mereceu três edições (1954, 1962, 1974) e sua próxima publicação em espanhol em 1992, é porque se tornou uma obra de consulta necessária para os estudiosos do guarani e uma referência obrigatória na história da etnologia brasileira.

Menos conhecidos, porque dispersos, contam-se outros trabalhos que recolhem expressões particulares da vida guarani, especialmente a religiosa. Em nosso *O Guarani* (pp. 288-95) reunimos 26 títulos específicos que tratam dos guaranis em sua dimensão histórica e atualidade etnográfica.

Entregue a funções docentes e administrativas, entre as quais ocuparam um lugar especial a orientação de teses e dissertações assim como a direção da *Revista de Antropologia*, o professor Schaden se queixava às vezes, não sem razão, de que seus próprios trabalhos ficavam preteridos. Notas de campo e material fotográfico tiveram de esperar até o fim de sua vida sem terem sido devidamente explorados.

Nos últimos anos, mesmo sentindo o silêncio de uma jubilação forçada, não deixava de pensar o guarani e no guarani, propondo temas a si mesmo e a algum hipotético investigador que batesse à sua porta, como anotou num pequeno bilhete pouco antes de sua morte: "Quem escreverá uma tese sobre 'O mundo dos brancos na mitologia indígena'?"

BARTOMEU MELIÀ S.J., nascido em Mallorca, dedica-se ao estudo da língua e cultura guarani desde 1954. Doutorou-se pela Universidade de Estrasburgo em 1969 com a tese *La Création d' un Langage Chrétien dans les Réductions des Guarani au Paraguai*. Vem publicando desde então os frutos de suas observações de campo e de seu trabalho indigenista: em 1986, *El Guarani Conquistado y Reducido*; em 1987, *O Guarani: uma Bibliografia Etnológica*.

Na outra página, o etnólogo Egon Schaden (1913-1991), especialista em cultura guarani e autor de clássicos, como sua tese de doutorado *A Mitologia Heróica de Tribos Indígenas Brasileiras* (1945) e *Aspectos Fundamentais da Cultura Guarani* (1954), que já está na terceira edição e este ano deve ser publicado em espanhol